



miguilim

revista eletrônica do netlli

volume 8, número 2, maio-ago. 2019

O SENSACIONALISTA EM VEJA: SUJEITOS E VOZES DE UM ACONTECIMENTO DISCURSIVO



THE SENSACIONALISTA IN VEJA: SUBJECTS AND VOICES OF A DISCURSIVE EVENT

Adelino Pereira dos SANTOS
Universidade do Estado da Bahia, Brasil

[RESUMO](#) | [INDEXAÇÃO](#) | [TEXTO](#) | [REFERÊNCIAS](#) | [CITAR ESTE ARTIGO](#) | [O AUTOR](#)
RECEBIDO EM 10/04/2019 • APROVADO EM 06/11/2019

Resumo

Neste artigo, consideramos as noções de acontecimento, de sujeito e de formação discursiva, oriundas da Análise de Discurso de linha francesa, com base nos trabalhos de Michel Pêcheux (1997; 2002), bem como os conceitos de polifonia e dialogismo, originários do Círculo de Bakhtin (VOLÓCHINOV, 2017) para analisarmos um fato noticiado em mídias impressas e digitais – a contratação do *site* Sensacionalista pela revista Veja – como um acontecimento midiático e discursivo. O acontecimento foi noticiado, além de outras publicações, pela revista Veja, pelo *site* Sensacionalista e pelo Diário do Centro do Mundo, entre os dias primeiro de fevereiro e três de março de 2017. O trabalho de pesquisa que aqui empreendemos teve por objetivo específico analisar e discutir como o acontecimento midiático e discursivo se apresentou materializado nos textos publicados pelas mídias supracitadas e as implicações ideológicas de tal acontecimento. Os textos-notícias foram tomados, neste trabalho, como documentos, denominados aqui de Cenas 1 a 3, por se apresentarem, em seu conjunto, como um cenário que permitiu a percepção de um intrincado jogo da interrelação do discurso com o “todo complexo das formações ideológicas”, de que trata Pêcheux (1997), conforme explicitamos na análise.

Abstract

In this article, we consider the notions of event, subject and discursive formation, derived from the French Line Discourse Analysis, based on the works of Michel Pêcheux (1997, 2002), as well as the concepts of polyphony and dialogism, from the Circle of Bakhtin (VOLÓCHINOV, 2017) to analyze a fact reported in printed and digital media - the hiring of the site Sensacionalista by Veja magazine - as a mediatic and discursive event. The event was reported, in addition to other publications, by Veja magazine, by the Sensacionalista website and by the Diário do Centro do Mundo, from February 1 to March 3, 2017. The research work we carried out here was specifically aimed at analyzing and discuss how the mediatic and discursive event materialized in the texts published by the aforementioned media and the ideological implications of such an event. The texts-news were taken, in this work, as documents, called here Scenes 1 to 3, because they presented, as a whole, a scenario that allowed the perception of an intricate interplay of discourse with the "complex whole of ideological formations", which Pêcheux (1997) deals with, as explained in the analysis.

Entradas para indexação

PALAVRAS-CHAVE: Acontecimento midiático e discursivo. Sujeito. Formação discursiva. Sensacionalista.

KEYWORDS: Mediatic and discursive event. Subject. Discursive formation. Sensacionalista.

Texto integral

A partir das noções de acontecimento, de sujeito e de formação discursiva, oriundas da Análise de Discurso de linha francesa, com base nos trabalhos de Michel Pêcheux (1997; 2002), bem como os conceitos de polifonia e dialogismo, originários do Círculo de Bakhtin (VOLÓCHINOV, 2017), neste artigo, analisamos um fato noticiado em mídias impressas e digitais – a contratação do *site* Sensacionalista pela revista Veja – como um acontecimento midiático e discursivo e, como tal, objeto de nossa análise. O acontecimento foi noticiado, entre outras publicações, pela revista Veja, em suas versões digital e impressa, pelo próprio *site* Sensacionalista e pelo Diário do Centro do Mundo.

Os textos-notícias apareceram entre os dias primeiro de fevereiro e três de março de 2017 e foram tomados, neste trabalho, como documentos, denominados aqui de Cenas 1 a 3, por se apresentarem, em seu conjunto, como um cenário que permitiu a percepção de um intrincado jogo da interrelação do discurso com o “todo complexo das formações ideológicas”, de que trata Pêcheux (1997). As reflexões que aqui empreendemos tiveram por objetivo analisar e discutir como o acontecimento midiático e discursivo se apresentou materializado nos textos publicados pelas mídias supracitadas e as implicações ideológicas de tal acontecimento, conforme explicitamos nas seções subsequentes deste artigo.

Como se pode compreender, sob um ponto de vista discursivo, a emergência de um acontecimento midiático? Michel Pêcheux (2002, p. 16-17) aponta possíveis caminhos para a reflexão sobre o discurso como um acontecimento. Uma

possibilidade, segundo Pêcheux (2002), seria tomar um enunciado como um tema e, a partir dele, caracterizar o acontecimento como o ponto de encontro entre uma atualidade e uma memória.

Pêcheux (2002, p. 17) descreve, então, o enunciado “On a gagné” [“Ganhamos”] tal como teria atravessado a França no dia dez de maio de 1981, às vinte horas e poucos minutos, marcando, em palavras como gestos de enunciação, a vitória do até então candidato François Mitterand na eleição presidencial da República Francesa. Esse enunciado materializava, para além de sua expressão sonora, pontos do real que nele se encontravam, em perfeita simbiose e como deriva de novas articulações, entre a língua e a história, base de constituição de uma memória discursiva.

Poucos minutos antes, na Paris de 1981, precisamente às vinte horas (hora local) a imagem eletrônica do rosto do futuro presidente da França apareceu em quase todos os televisores. Nos expectadores houve a sensação de estupor; já para seus correligionários e partidários a sensação foi a de maravilhamento e prazer; para seus opositores, de frustração ou de terror. Sustentados por cálculos e estatísticas e por estimativas das várias equipes de informática, os apresentadores de televisão, no programa *Especial-eleições*, anunciaram F. Mitterand como o vencedor.

A partir desse fato, e nesse momento preciso, começaram as reações nos dois campos políticos que tinham estado, nos últimos meses, em evidência e embate. Nesse preciso momento também começaram a esquentar os comentários dos especialistas em politicologia, iniciando-se, desse modo, a reação em cadeia, a repercussão, o trabalho discursivo do acontecimento. Tal reação materializou-se nos comentários ao fato novo, nas interpretações das expressões numéricas, nas declarações de um lado e outro, nas lamentações e nas expressões de entusiasmo. Para os vencedores, foi a expressão da confiança e da esperança. Eis o contexto da atualidade a agir no espaço da memória. O socialismo francês, a frente popular, a coalizão socialista francesa acabara de, democraticamente, pelo voto popular, tomar o poder na França.

Segundo Pêcheux (2002, p. 19-20) esse acontecimento, que aparece como global para a grande máquina televisiva, poderia ser figurativizado como o resultado de uma super copa de futebol político, um grande campeonato de repercussão mundial. François Mitterand foi o vencedor, entre os competidores presidenciais da França!

Esse foi o acontecimento jornalístico, das então mídias populares – as *mass media* – relacionado a um conteúdo sócio-político, simultaneamente transparente, pelo veredicto das cifras e tabelas que somavam os números de votos, e perfeitamente/ profundamente opaco. A frieza dos números não deixava transparecer o jogo quente das discussões, vieses, sutilezas, embates, conchavos e rivalidades; lutas que se travaram, cujos resultados se evidenciavam agora na espessura do acontecimento, ponta de um *iceberg* que começava a emergir.

Assim, pois, quanto mais improvável o acontecimento, maior o confronto ideológico/discursivo que possibilita a sua emergência. Como, então, dar nome ao acontecimento? Quais as sutilezas e desvãos da memória que permitem a sua denominação? Para Pêcheux (2002, p. 20) os enunciados “F. Mitterand é eleito presidente da República Francesa”; “A esquerda francesa leva a vitória eleitoral

dos presidenciáveis”; ou “A coalização socialista-comunista se apodera da França”, embora remetam ao mesmo fato, não estão em relação interparafrástica porque não constroem as mesmas significações – já que, acrescentamos, não mobilizam os mesmos discursos, isto é, não tangenciam os mesmos pontos e espaços da memória discursiva.

Neste trabalho, parafraseamos Pêcheux (2002) quando assumimos, para a análise discursiva que aqui empreendemos, o acontecimento como o ponto de encontro entre uma atualidade e uma memória. Para tanto, consideramos o fato noticiado na *Carta ao Leitor: o humor do Sensacionalista agora em Veja* como um acontecimento midiático e discursivo, **implicados** aí não só o texto que, em termos concretos, funcionou como um editorial da revista em papel ou digital, mas também as condições de sua produção.

A *Carta ao Leitor: o humor do Sensacionalista agora em Veja*, editorial online e posteriormente impresso da revista *Veja*, Edição 2517, ano 50, nº 7, surgiu precisamente às 14h52min. do dia 10 de fevereiro de 2017, sendo que na versão impressa foi datado de 15 de fevereiro de 2017. Nele, a Revista anuncia a chegada/contratação de o Sensacionalista, conhecido *site* de humor, notabilizado nas redes sociais digitais, sobretudo a partir da eleição presidencial do Brasil de 2014, como coluna semanal da revista impressa e como *blog* na plataforma digital da Revista.

Mas, qual a dimensão discursiva desse acontecimento midiático? Em busca de respostas para esse questionamento, passamos, nas seções a seguir, a tecer considerações em torno do que denominamos de *Cenas*, em três episódios ligados a esse acontecimento midiático e discursivo.

***Cena 1* – O acontecimento midiático e discursivo noticiado no *site* da revista *Veja*, em 10 de fevereiro de 2017**

O texto que aqui analisamos como documento *Cena 1* foi publicado no *site* da revista *Veja* e em sua respectiva versão impressa, com a seguinte configuração:

Carta ao Leitor: o humor do Sensacionalista agora em VEJA

Potência do humor nacional chega às páginas da revista e a VEJA.com

Por Da Redação

- Publicado em 10 fev 2017, 14h52



Leonardo Lanna, Marcelo Zorzanelli, Martha Mendonça e Nelito Fernandes: coluna semanal (Christian Gaul/VEJA)

Quem já ouviu falar do Sensacionalista deve lembrar seu impagável slogan: um jornal “isento de verdade”. Quem já leu as notícias satíricas publicadas pelo Sensacionalista tornou-se fã. Criado em 2009 como um site na internet, o Sensacionalista começou com a mesma proposta que mantém até hoje: fazer piada, em forma jornalística, com os acontecimentos mais relevantes no Brasil e no mundo. Em seis anos, o site só cresceu, mas sua explosão ocorreu na campanha presidencial de 2014. “A polarização daquela campanha foi uma maravilha para o humor”, diz o jornalista Nelito Fernandes, o criador do site.

Hoje, o Sensacionalista recebe 10 milhões de visitantes únicos todo mês e sua página no Facebook reúne 3 milhões de curtidas. É essa potência do humor nacional que VEJA começa a publicar todas as semanas a partir da edição que chega às bancas neste sábado. Em VEJA.com, também a partir de agora, o Sensacionalista terá um blog em que fará atualizações sempre que julgar conveniente.

A equipe do Sensacionalista vive o humor. Nelito Fernandes e a também jornalista Martha Mendonça atuam como roteiristas de humor no *Zorra*, programa que a Rede Globo leva ao ar nos sábados à noite. O outro integrante da turma, Leonardo Lanna, trabalha no *Tá no Ar*, o humorístico que a Globo exibe nas noites de terça-feira. O quarto membro, Marcelo Zorzanelli, também é jornalista e o único do grupo que se dedica exclusivamente ao próprio site do Sensacionalista.

É tradição de VEJA abrir espaço para o humor. Menos de três meses depois de seu lançamento, em 1968, a revista inaugurou duas páginas com as sátiras de Millôr Fernandes (1923-2012), que foram publicadas durante catorze anos. Ele foi sucedido por grandes nomes do humor nacional como Luis Fernando Verissimo e Jô Soares. Agora, é a vez do Sensacionalista, com o qual VEJA leva a leitores e internautas um pouco de graça e de riso. Confira — e segure-se para não cair da cadeira ao gargalhar.

Outros dois colunistas fazem sua estreia nesta edição. Em economia, o jornalista André Lahóz Mendonça de Barros, diretor de redação da revista EXAME, da Editora Abril, que também publica VEJA, passa a escrever mensalmente, oferecendo aos leitores a argúcia, a elegância e a objetividade de suas análises econômicas. Em cultura, a novidade é João Cezar de Castro Rocha, professor de literatura da Universidade do Estado do Rio de Janeiro e um dos mais destacados críticos e estudiosos da literatura do país.

Fig. 1 – Editorial de Veja Online, de 10 de fevereiro de 2017. Fonte: <https://veja.abril.com.br/brasil/carta-ao-leitor-o-humor-do-sensacionalista-agora-em-veja>. Acesso em 08/08/2018.

O que caracterizamos, neste trabalho, como o acontecimento midiático e discursivo, isto é, a contratação do *site* Sensacionalista pela revista *Veja*, noticiado na *Carta ao Leitor: o humor de o Sensacionalista ao agora em Veja* só se tornou possível por uma série de outros tantos acontecimentos que o precederam, sendo o mais importante o surgimento, em 2009, de o *Sensacionalista* e de outros *sites* de igual natureza e objetivos no cenário midiático brasileiro, como *The Piauí Herald*, *Diário Pernambucano*, *Laranjas News*, dentre outros. O aparecimento desses *sites* jornalísticos de humor pode ser compreendido como o sintoma explícito da grave crise de credibilidade pela qual vem passando, em termos mundial, a grande mídia tradicional, pelo menos nos últimos quinze anos.

Se, por um lado, a proposta de o *Sensacionalista*, enquanto suporte midiático, é “fazer piada, em forma jornalística, com os acontecimentos mais relevantes no Brasil e no mundo”, conforme está declarado no documento *Cena 1*, por outro lado, o aparecimento do *site* em si mesmo revela a situação de instabilidade e confusão entre verdade e mentira que se tem vivenciado nos últimos anos, sobretudo pela emergência e intensificação do uso das redes sociais digitais.

De igual forma, a profusão contemporânea das chamadas *fake news*, as notícias falsas que cotidianamente inundam as redes sociais digitais e que têm estado cada vez mais em evidência, tem contribuído, igualmente, para o descrédito dos veículos de comunicação, mesmo os mais sérios e tradicionais, com graves consequências nos cenários político, comercial, social e até científico.

A despeito da confusão que geralmente é feita entre notícias verdadeiras e falsas notícias, que muitos destes humorísticos contribuem para propagar, Santos (2016) assevera que é natural que se busquem indícios de precisão jornalística em *sites* satíricos e de humor, quando a imprensa tradicional se torna risível, pela profusão de notícias verdadeiras que muito se aproximam e até às vezes extrapolam os absurdos e surrealismos das *fake news* e das tiradas de humor dos *sites* satíricos.

Nesse sentido, Santos (2016) assegura que, por esse viés, a carnavalização da notícia é a própria notícia: “O *Sensacionalista* e suas recorrentes paródias burlescas das notícias ‘sérias’ revelam, por uma reversão dos sentidos, que estas notícias ‘oficiais’ são tão exageradamente falsas que elas próprias assumem a posição de farsa que o teatro do grotesco imortalizou...” (SANTOS, 2016, p. 2).

Na *Carta ao Leitor: o humor do Sensacionalista agora em Veja* percebe-se a atualidade e a memória na perfeita conjunção que produziu o acontecimento midiático. Esse documento remete, em primeira instância, ao local da memória em que ainda se escreviam cartas de interlocução pessoal. O missivista, distante no espaço ou no tempo, dirige-se a um determinado destinatário, geralmente parente próximo ou amigo, para contar novidades ou manter contato. Enquanto campo discursivo, o espaço das cartas e de outros gêneros de correspondências pessoais é o espaço da afetividade. Dificilmente se escreviam cartas pessoais a estranhos. As motivações para a escrita proviam, portanto, do afeto.

O leitor presumido para esta “Carta” é o próprio “Leitor” da revista *Veja*. Como assinante, leitor frequente, ou como consumidor esporádico, a intenção da “Redação” seria, assim, a de promover a aproximação do leitor com a Revista, através da afetividade, dirigindo-se a ele por uma carta, em que se contariam as

novidades de cada edição. Nesta, o que vem em destaque e que se configura como o acontecimento midiático e discursivo é a presença de o Sensacionalista, coluna e *blog* de Veja.

Em segundo lugar, a menção imediata de que se trata de um *site/coluna/blog* de humor. Nesta menção, o texto promove um apagamento, neste espaço da memória, de que a própria Revista já foi objeto da sátira dos agora colunistas de Veja, como se vê descrito, em síntese, no documento aqui categorizado como Cena 3. Há, contudo, o ponto de encontro desse apagamento da memória com a atualidade, representado pela singularidade do elemento linguístico *potência*. Substantivo abstrato, *potência* se concretiza, no texto, através do enunciado “Hoje, o Sensacionalista recebe 10 milhões de visitantes únicos todo mês e sua página no *Facebook* e reúne 3 milhões de curtidas”. A *potência*, assim, é explicada pelo número de internautas que acessam mensalmente o *site* de humor e pelo número de *likes* que recebem na maior rede social digital contemporânea.

A atualidade do acontecimento, como se percebe no enunciado “É essa *potência* do humor nacional que Veja começa a publicar todas as semanas a partir da edição que chega às bancas nestes sábado”, se encontra paradoxalmente em harmonia e em dissonância com a memória discursiva, em uma relação de interdiscursividade, quando o articulista menciona outros humoristas que já foram colunistas da revista Veja: desde Millôr Fernandes (1923-2012), que estreou logo nos primeiros três meses da revista, relação que perdurou 14 anos, até outros sucessores, “*potências*” do humor nacional, como Luís Fernando Veríssimo e Jô Soares. Estes últimos não tiveram o período de atuação marcado no texto, mas ficou subtendido que foram parceiros por muito tempo desse periódico semanal de informação.

Outro ponto que merece destaque neste documento é a descrição que se faz dos novos colunistas de Veja, os responsáveis pelo *site* Sensacionalista. Em termos visuais, destacam-se as imagens, em fotografias, de seus corpos em posições irreverentes e roupas casuais, o que produz efeitos de sentido de que trabalham de forma despreziosa ou informal. Em termos linguísticos, a ênfase é dada à formação profissional de jornalista dos quatro novos articulistas e ao fato de que três deles atuavam em programas de humor da Rede Globo de Televisão: o criador do *site*, Nelito Fernandes, “a também jornalista Márcia Mendonça”, Leonardo Lanna e o único do grupo, Marcelo Zorzanelli, que se dedicaria exclusivamente ao *site*.

A ênfase à profissão de jornalistas e o destaque criterioso dos programas humorísticos da Globo, em que eles atuavam, se justificam pelo fato de que os novos colunistas de Veja “vivem o humor” e que “fazem piada, em forma jornalística”. Isso explicaria também a intenção da revista, que é, segundo o documento, “levar a leitores e internautas um pouco de graça e de riso”, assim como a advertência “Confira – e segure-se para não cair da cadeira ao gargalhar”. Ao fim do documento, a Revista noticia ainda a chegada de mais dois novos colunistas, responsáveis por comentários das áreas de Economia e de Cultural, para destacar que a revista passa por significativas modificações, enfatizando, desse modo, a relevância do acontecimento.

Ao considerarmos o acontecimento como ponto de encontro entre a atualidade e a memória (PÊCHEUX, 2002), não podemos perder de vista, na análise da *Carta ao Leitor: o humor do Sensacionalista agora em Veja*, que há um “*caráter material do sentido* das palavras e dos enunciados” (PÊCHEUX, 1997, p. 160, grifos

do autor). Esse caráter material do sentido está, ainda segundo Pêcheux (1997), em dependência constitutiva com o que o autor chamou de “o todo complexo das formações ideológicas”, que é, em última instância, o próprio interdiscurso, isto é, a memória discursiva enquanto base linguística e processo discursivo-ideológico.

Pêcheux (1997, p. 160-163) explicita essa relação através de duas teses. A primeira tese consiste em afirmar que “o sentido de uma palavra, de uma expressão, de uma proposição, etc., não existe em si mesmo [...], mas, ao contrário, é determinado pelas posições ideológicas que estão em jogo no processo sócio-histórico...” de onde retiram o seu sentido. Ao explicar a segunda tese, Pêcheux afirma que “o próprio de toda formação discursiva é dissimular, na transparência do sentido que nela se forma a objetividade material contraditória do interdiscurso” e que “como tal, objetividade material essa que reside no fato de que ‘algo fala’ (*ça parle*) sempre ‘antes, em outro lugar e independentemente’” (PÊCHEUX, 1997, p. 162).

Desse modo, a *Carta ao Leitor: o humor de o Sensacionalista agora em Veja* representa a voz de um sujeito ideológico imbricado na complexidade de estar ao mesmo tempo com o desejo de parecer moderno, atual e descontraído, ao trazer a atualidade e a descontração de o Sensacionalista para junto de si, isto é, para o interior da revista, ao tempo em que representa, por sua histórica atuação, a voz de um veículo de comunicação conhecido e reconhecido por seus posicionamentos “de direita”. Sem dúvida que “é tradição de Veja abrir espaço para o humor”, mas ao fazer lembrar essa “tradição”, a Revista deixa no esquecimento o fato de que acontecimentos e sujeitos sociais apareceram nas páginas das diversas edições ao longo de seus cinquenta anos, mediados por um viés a *favor de...* e *contra...* outros (sujeitos, fatos, histórias e acontecimentos), em um claro embate entre diferentes posicionamentos ideológicos.

É no complexo das formações ideológicas, afirma Pêcheux (1997, p. 160), que o sentido das palavras, enunciados e proposições tem sua origem, no que ele define como formação discursiva “aquilo que, numa formação ideológica dada, isto é, a partir de uma posição dada, determinada pela luta de classes, determina *o que pode e deve ser dito*”. Assim sendo, a *Carta ao Leitor: o humor do Sensacionalista agora em Veja* representa a voz desse sujeito “de direita”, que, na tentativa de esconder-se atrás da opacidade (a não transparência) da linguagem, sob o disfarce da atualidade e da descontração de o Sensacionalista, quer parecer moderno, atual e descontraído, mas sem revelar sua tradição histórica de veículo de comunicação flagrantemente contrário aos posicionamentos socioideológicos mais à esquerda.

Cena 2 - O acontecimento midiático e discursivo noticiado no site Sensacionalista, em 2 de fevereiro de 2017

O acontecimento midiático e discursivo foi noticiado no *site* de o Sensacionalista, a partir da seguinte apresentação:

Sem dinheiro do PT, Sensacionalista terá coluna na Veja
--

Numa clara tentativa de disfarçar o apoio ao golpe, a revista Veja contratou o Sensacionalista, também conhecido como Sensasocialista, que passará a ter uma página na publicação aos domingos.

A partir da estreia da coluna, todas as piadas contra Aécio, Serra, Doria e Alckmin estarão suspensas, o que fará com que o site acabe, já que só faz piadas contra a “direita”. Apesar de comunistas, os sócios do Sensacionalista, que já trabalham para a Globo há mais de 10 anos, continuarão lá, já que a emissora é reconhecidamente comunista e também apoia o golpe.

A estreia na Veja ainda não está marcada. O Sensacionalista aproveita para comunicar ao mercado que sua nova redação ficará na cobertura da Trump Tower, em Nova Iorque. O site ficará hospedado no Copacabana Palace.

Fig. 2. Pseudonotícia publicada no *site* Sensacionalista, noticiando o acontecimento discursivo e midiático sob nossa análise. Fonte: <https://www.sensacionalista.com.br/2017/02/02/sem-dinheiro-do-pt-sensacionalista-tera-coluna-na-veja>. Acesso em 08/08/2018.

O documento que apresentamos como Cena 2, intitulado *Sem dinheiro do PT, Sensacionalista terá coluna na Veja* foi publicado no *site* Sensacionalista no segundo dia do mês de fevereiro de 2017, oito dias, portanto, antes do aparecimento do documento Cena 1, que noticia o acontecimento midiático e discursivo objeto de nossa reflexão. Escrito pelos próprios sensacionalistas, vê-se no documento Cena 2 a tentativa de fazer humor com a notícia de que a equipe/jornalistas/*site* Sensacionalista foram contratados pela Revista Veja, na condição de colunistas das revistas impressas/digitais e de *blog* hospedado na plataforma de Veja *online*. O texto, em si, traz a mesma estrutura das demais *pseudonotícias* que são publicadas no *site*: há um conteúdo de verdade, isto é, um fato ou um acontecimento sócio-político-cultural de relevância no Brasil ou de interesse mundial, e, a partir dessa base, a elaboração da “notícia” em termos singulares e/ou absurdos com o objetivo de produzir humor ou sátira sobre o próprio fato/acontecimento/pessoas envolvidas.

Em termos estruturais, o documento não se apresenta, necessariamente, como uma piada porque não há, nele, assim como nos demais textos publicados no *site*, a presença de um “enredo”, o levantamento de uma expectativa e o “time” do desfecho final, o que demandaria a percepção do “gatilho” do humor, por parte do ouvinte ou leitor e que possibilita à piada fazer sentido. Não se trata, igualmente, de uma *fake news*, tal como esse gênero tem sido compreendido nos últimos anos, porque embora se assemelhem em estrutura (excetuando-se os dispositivos de humor), se diferem em termos de funcionamento. As notícias falsas ou *fake news* não apresentam autores claramente identificáveis e têm objetivos comerciais, políticos e ideológicos que se distanciam claramente dos textos publicados nos *sites* de humor, a exemplo de o Sensacionalista e seus correlatos. Desse modo, adotamos aqui a denominação *pseudonotícia*, a fim de diferenciar esses textos do jornalismo humorístico das notícias falsas mundialmente conhecidas como *fake news*.

Nessa pseudonotícia, elencada como documento Cena 2, o ingrediente novo é a própria razão de ser da notícia e coincide com o conteúdo verdade, que é a contratação de o Sensacionalista por Veja. Os demais dados, o que seria “o absurdo” e que traria o tom de humor foi o modo como a notícia foi redigida, além de informes claramente inventados ao final do texto. Percebe-se, nesse documento, a criação de certo jogo do dizer, em que o Sensacionalista atribui como vindo de outrem, como que por antecipação, as críticas que receberiam por se ter alinhado a

outro veículo de comunicação, ideologicamente distante de seus objetivos e de suas práticas de crítica social. São identificadas, nesse jogo, as vozes de pelo menos dois outros sujeitos, que falariam por/deles – dos sensacionalistas – em um jogo de reflexos, como que situados diante de espelhos reversos. Esse jogo tri-fônico das vozes dos sujeitos pode ser materializado através das seguintes paráfrases:

Sujeito 1: Somos a voz de o Sensacionalista. Informamos nossa contratação, mas sem cooptação política e ideológica pela revista Veja. Enquanto humoristas, queremos parecer neutros e não ter predileção política ou ideológica quando, através de nossas tiradas humoristas ‘atiramos para todos os lados’. A estreia **como** colunistas e *blog* de Veja ainda não está prevista, mas o fato já é certo e pode ser aceito como verdade, razão pela qual o noticiamos.

Sujeito 2: Somos a voz imaginária – imaginada pelos próprios autores – dos críticos de o Sensacionalista. Somos um sujeito plural e contraditório, situado mais à direita do foco político ideológico do país, quando dizemos que a razão pela qual o Sensacionalista se deixou contratar e, conseqüentemente, cooptar por Veja foram motivações estritamente financeiras, quando deixou de receber apoio financeiro/patrocínio do Partido dos Trabalhadores. Afirmamos que o Sensacionalista é um *site/equipe/jornalistas* de ideais políticos e ideológicos contrários ao nosso, situados à extrema esquerda, já que costumava ter como alvo de suas tiradas humorísticas apenas sujeitos sociais da direita política e ideológica. Desse modo, os sensacionalistas podem ser chamados de socialistas e comunistas.

Sujeito 3: Somos a voz dos críticos dos veículos tradicionais de comunicação do Brasil, neste documento representado pela revista Veja e pela Rede Globo de Televisão. Somos um sujeito plural e contraditório e nos situamos na extrema esquerda do foco político e ideológico do país. Denunciamos a contratação e, conseqüentemente, a cooptação política e ideológica de o Sensacionalista pela revista Veja. Sempre desconfiamos da – falsa – neutralidade política e ideológica de o Sensacionalista, já que os jornalistas trabalham em programas humorísticos da Rede Globo de Televisão, outro veículo da extrema direita que apoiou o Golpe político – impeachment da presidente Dilma Rousseff – de 2016.

Esses sujeitos ideológicos se apresentam, no documento elencado como Cena 2, como discursos transversos, isto é, uma série de pré-construídos que, na perspectiva de Pêcheux (1997) emergem no dito em um relação de sentidos constituídos em pontos tangenciais com a memória discursiva. Segundo Pêcheux (1997, p. 164) “O ‘pré-construído corresponde ao ‘sempre-já-aí’ da interpelação ideológica que fornece-impõe a ‘realidade’ e seu ‘sentido’ (‘o mundo das coisas’)”. Para compreendermos bem como se dá, no documento Cena 2, a materialização

desses sujeitos ideológicos, recorramos, mais uma vez, a Pêcheux (1997), quando ele descreve/disserta sobre a forma-sujeito do discurso.

Para Pêcheux, “sob a evidência de que ‘eu sou realmente eu’ (com meu nome, minha família, meus amigos, minhas lembranças, minhas ‘ideias’, minhas intenções e meus compromissos), há o processo da interpelação-identificação que *produz* o sujeito no lugar deixado vazio” (PÊCHEUX, 1997, p. 159). O sujeito ideológico surgiria, assim, em uma espécie de substituição ao sujeito de direito, isto é, aquele que juridicamente ocupa um lugar e um espaço na sociedade (os lugares/espacos determinados na jurisdição, com todos os direitos e obrigações que o determinam – os direitos e deveres de um motorista, de um professor, de um usuário do metrô etc.).

Assim sendo, o sujeito ideológico reduplicaria o sujeito de direito e seria/é interpelado, isto é, “constituído sob a evidência da constatação que o veicula e mascara a norma identificadora” (id. *ibid*, p. 159) pela ideologia. É esta a força, o “hábito” que transforma os indivíduos em sujeitos. Pêcheux (1997) apresenta, como exemplo, um dito que, como metáfora, se colaria ao indivíduo como selo que determinaria sua identidade e, portanto, sua subjetivação: “‘um soldado francês não recua’, significa, portanto, ‘se você é um *verdadeiro* soldado francês, o que, de fato, você é, então você não *pode/deve* recuar” (PÊCHEUX, 1997, p. 159, grifos originais). Assim, ainda segundo Pêcheux (*ibidem*, p. 160) “é a ideologia que fornece as evidências” pelas quais os sujeitos se constituem, sob a ilusão da “transparência da linguagem” e que mascaram o que ele chama de “*caráter material do sentido* das palavras e dos enunciados” (PÊCHEUX, 1997, p. 160).

Desse modo, a partir da compreensão sobre a constituição desses sujeitos ideológicos, podemos ainda afirmar que o documento que apresentamos como Cena 2 se encontra atravessado por pelo menos três diferentes formações discursivas, onde, respectivamente, cada sujeito ideológico se situa.

Cena 3 – O acontecimento midiático e discursivo noticiado no *site* Jornal do Centro do Mundo, em 3 de março de 2017

O Jornal do Centro do Mundo apresentou o acontecimento midiático e discursivo a partir das seguintes considerações:

O Sensacionalista se uniu em matrimônio com a Veja — e isto não é piada. Por Paulo Nogueira

Publicado por [Paulo Nogueira](#)

- 3 de março de 2017

Um jornal invento de verdade

Sensacionalista

Fundado em 1925

SACI NASCE COM DUAS PERNAS E SOFRE BULLYING NA ESCOLA



Um menino vai que nunca vem das pais do papeteu menino lanonon. "E para... vai sofrendo por causa do seu de... não é isso. O papeteu vai é vítima das... gentileza dos amigos no evento das... U... mesmo para o dia inteiro sentido al... sendo os... adapatados... poderia como... para só, sem poder participar das brincan... dadas. Fã de futebol das suas, ele não... poderá participar do próximo competi... na "E chato porque em meu sonho, mas... realmente não vai dar", disse ele. Os...

Mulher engravida vendo filme pornô 3D

"Começou a fase Veja ..."

Foi assim que o jornalista Pedro A. Sanches reagiu no Twitter depois de ver um post do Sensacionalista.

Era este: "Revelação de Odebrecht de que Dilma e Temer agiam juntos faz coxinhas e mortadelas virarem pastéis."

Sanches resumiu o que está passando pela cabeça de muita gente depois que foi anunciada uma parceria entre o Sensacionalista e a revista Veja. O Sensacionalista terá uma coluna na Veja.

Trata-se de um casamento definitivamente estranho. O público da Veja é extremamente reacionário. O símbolo da revista é o blogueiro Reinaldo Azevedo, o orgulhoso pai da palavra petralha, ícone da direita xucra.

E o Sensacionalista, principalmente nos últimos tempos, se notabilizou pelo humor ácido e vigoroso com que tratou o golpe e os golpistas. A esquerda acabou adotando o Sensacionalista: nas redes sociais, seus posts são — ou eram — copiosamente compartilhados.

É um dos casamentos mais estranhos do universo da mídia brasileira. Não apenas os seguidores do Sensacionalista ficaram incomodados a ponto de avisar que já deram unfollow. Também os leitores da Veja não ficaram nada felizes.

Na postagem do Facebook em que a revista anunciou a novidade, muitas pessoas criticaram a parceria com um site da "esquerdalha", dos "esquerdopatas" e assim vai.

O que está por trás de tudo? Do lado da Veja, o desejo de arejar, modernizar sua linha editorial. Aparentemente, a intenção é trocar a panfletagem direitista anti-PT por um jornalismo mais sério e minimamente plural.

Do lado do Sensacionalista, a motivação parece ser financeira: é uma chance de viabilizá-lo como negócio.

Se este estranho casamento vai funcionar é um enorme ponto de interrogação. A Veja criou na direita xucra seu público mais fiel.

É uma audiência que quer ver semanalmente denúncias espetaculares contra Lula e o PT — ainda que infundadas. Piadas do Sensacionalista são uma das últimas coisas que os leitores da Veja querem ver pela frente.

A não ser que — bem, a não ser que o Sensacionalista mude, como sugeriu no Twitter o jornalista Pedro Sanches.

Mas, neste caso, as chances de o Sensacionalista perder a graça e o propósito são enormes.

Parece, enfim, aquele tipo de relação perde-perde: nem os leitores da Veja e nem os do Sensacionalista gostaram da notícia.

Será uma surpresa se este esquisito matrimônio funcionar. Tem tudo para ser — perdão pelo clichê — uma piada.

Fig. 3 – O acontecimento midiático e discursivo noticiado pelo Jornal do Centro do Mundo. Fonte: <https://www.diariodocentrodomundo.com.br/o-sensacionalista-se-uniu-em-matrimonio-com-a-veja-e-isto-nao-e-piada-por-paulo-nogueira>. Acesso em 08/08/2018.

O documento que apresentamos como Cena 3 foi publicado pelo Diário do Centro do Mundo (DCM) em 03 de março de 2017, trinta dias, portanto, depois das primeiras publicações que noticiaram o acontecimento midiático e discursivo que temos analisado neste trabalho. Essa breve distância no tempo em relação aos documentos anteriores deixou a sua marca: a polifonia vivamente perceptível no texto assinala essa temporalidade. Houve condições favoráveis à impressão, no documento, de múltiplas vozes.

Nesse documento, percebe-se, assim, a voz de Paulo Nogueira, autor da matéria jornalística, que se presta como mediador entre o leitor do DCM e o conteúdo noticiado no documento; a voz dos editores responsáveis pelo DCM, que atribuem a Paulo Nogueira a responsabilidade pela enunciação; a voz de o Sensacionalista, a enunciar-se enquanto *site* de humor, através dos títulos, imagem e “debuxos” das pseudonotícias que ajudaram a tornar o *site* conhecido pelo público e que amplamente circularam nas redes sociais digitais; a voz dos editores da revista Veja, a enunciarem a “novidade” que seria a contratação de o Sensacionalista como parte de seu projeto de modernização editorial.

Ainda, a voz do jornalista Pedro A. Sanches, a criticar o Sensacionalista pela mudança de orientação ideológica, da esquerda para a direita, ao ser cooptado pela revista Veja; a voz dos leitores de o Sensacionalista, a condenarem o *site/grupo/jornalistas* por se deixarem cooptar (vender?) pela Veja; a voz dos leitores da Veja, a condenarem a revista pela contratação de um *site* de orientação ideológica contrária à sua, a dos “esquerdopatas”; a voz do “blogueiro” Reinaldo Azevedo, a representar, como ícone de Veja, o “público reacionário” da revista.

Contudo, essa polifonia está explicitamente marcada somente no nível da textualidade – são presenças no *texto*. Em se tratando do jogo discursivo que se materializa no documento, percebe-se a presença de apenas dois sujeitos, que marcam a luta ideológica que se tem travado na arena sociopolítica do Brasil nas últimas décadas: os sujeitos ideológicos das chamadas direita e esquerda, representados, respectivamente pelos seguintes agrupamentos de vozes: o sujeito da direita fala por Veja, pelo “blogueiro” Reinaldo Azevedo e pelos leitores de Veja,

“a direita xucra”; o sujeito da esquerda fala pelos editores do DCM; pelos jornalistas Paulo Nogueira e Pedro A. Sanches e pelos leitores de o Sensacionalista, “a esquerdalha/esquerdopatas”.

Nesse contexto, a voz de o Sensacionalista se cala, mesmo ao enunciar-se, porque se tornou, no documento, o objeto de disputa entre os sujeitos ideológicos da direita e da esquerda. Ao deixar-se contratar por Veja, o Sensacionalista sofre a acusação de fazer o movimento da esquerda para a direita, ficando, no documento, em uma zona intermediária, intersecção esquerda-direita, mesmo que não se tenha colocado voluntariamente nesse lugar, objeto da disputa político-ideológica.

Nesse sentido, pensamos que merece aqui uma reflexão sobre o estatuto psíquico das vozes e dos sujeitos que se manifestam nesses documentos. Não se trata de pessoas reais no mundo, sujeitos empíricos, individualidades conscientes. Trata-se de entidades discurso-linguísticas, isto é, perceptíveis através dos enunciados do texto e que têm sua razão de ser ancorada no grande *diálogo* e nas lutas ideológico-sociais, conforme nos são apresentadas pela Filosofia da Linguagem do Círculo de Bakhtin. Sobre esse grande diálogo, Volóchinov (2017), assim se pronuncia:

(...) o diálogo pode ser compreendido de modo mais amplo não apenas como a comunicação direta em voz alta entre pessoas face a face, mas como qualquer comunicação discursiva, independentemente do tipo. Um livro, ou seja, um *discurso verbal impresso* também é um elemento da comunicação discursiva. Esse discurso é debatido em um diálogo direto e vivo [...] resenhas, trabalhos críticos, textos que exercem influência determinante sobre trabalhos posteriores etc. [...] esse discurso verbal é inevitavelmente orientado para discursos anteriores tanto do próprio autor como de outros [...]. Desse modo, o discurso verbal impresso participa de uma espécie de discussão ideológica em grande escala: responde, refuta ou confirma algo, antecipa as respostas e críticas possíveis, busca apoio e assim por diante. (VOLÓCHINOV, 2017, p. 219).

Desse modo, embora não se trate necessariamente de uma relação de sinonímia, essa compreensão do diálogo de modo mais amplo conforme teorizado por Bakhtin (VOLÓCHINOV, 2017) e que divisamos brevemente na citação acima, tangencia-se, de certa maneira, com o sentido de interdiscurso, a memória discursiva de que nos fala Pêcheux (1997), o sempre-já-aí, o já-dito, os pré-construídos que estão na base do dizível e que possibilita, sempre e de novo, a (re)tomada da palavra. Vêm-se, então, nesse documento Cena 3, mais uma vez o trabalho da memória discursiva a possibilitar a emergência das vozes e a manifestação dos sujeitos ideológicos que representam e reproduzem, em termos textuais, as lutas sócio-ideológicas que se travam na arena política brasileira da contemporaneidade.

Considerações finais

Já se podia esperar que o acontecimento midiático e discursivo de que tratamos neste trabalho, a contratação ou relação de parceria entre a revista *Veja* e o *site* Sensacionalista, pudesse ser contado por diferentes narrativas e consequentes orientações de interpretação pela própria revista semanal de informação, pelo mesmo *site* de humor e pelo DCM. Em termos ideológicos, *Veja* e o DCM se colocam em pontos divergentes no cenário político-ideológico brasileiro, já que a revista publicada pela editora Abril historicamente tem tido posicionamento de clara oposição à esquerda política nacional, enquanto que o DCM se faz apoiador e partidário dos grupos a que *Veja* se opõe. Também se podia esperar que o Sensacionalista fizesse humor ao noticiar o acontecimento, com pretensa isenção ideológica ao noticiar o fato.

Contudo, o que a análise permitiu perceber foi a emergência dos sujeitos discursivos, a se manifestarem de modo diferente em cada um dos documentos analisados. Se considerarmos a metáfora de que o jogo do discurso político se aproxima das partidas de futebol, conforme divisamos em Pêcheux (2002), resenhado no início deste trabalho, esse foi um jogo de empate entre os sujeitos ideológicos da direita e da esquerda, já que, cada um no seu campo, isto é, no interior de cada documento, ganhou a hegemonia dos dribles ideológicos em cada documento particular, mas sem lances espetaculares ou vitoriosos no documento de orientação político-ideológica contrária.

Esses sujeitos ideológicos se apresentaram nos documentos Cenas 1 a 3, mas em nenhum momento se definiram. O que significa, de fato, em nosso contexto político nacional, ser *de direita* ou *de esquerda*? Os documentos analisados não dão base para uma resposta segura a esse questionamento. Em outras palavras, o que vimos foi que cada documento, cada veículo de comunicação – *Veja*, Sensacionalista e DCM – contou a sua versão do fato, deixando em aberto, no entanto, as possibilidades de interpretação e, consequentemente, manifestações dos sujeitos ideológicos. Chegamos ao fim da análise quando nos deparamos com a trama do discurso que se entrelaça em cada um dos documentos, mas sem compreender a raiz ou a base da relação/delimitação direita/esquerda.

Assim, a partir das três Cenas divisamos uma síntese dos conflitos político-ideológicos em embate no Brasil nos últimos anos. A análise que apresentamos neste artigo se constitui como uma entre outras possíveis respostas ao nosso questionamento sobre a dimensão discursiva da chegada/contratação do *site* de humor Sensacionalista pela revista *Veja*, evento midiático que foi objeto de nossa reflexão.

Referências

PÊCHEUX, Michel. *O discurso: estrutura ou acontecimento*. Trad. Eni. P. Orlandi.

3 ed. Campinas: Pontes, 2002.

_____. *Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio*. Trad. Eni P. Orlandi. 3. ed. Campinas. Editora da UNICAMP, 1997.

SANTOS, Jeana Laura da Cunha. *Quando a carnavalização da notícia é a própria notícia*. Disponível: <https://objethos.wordpress.com/2016/02/08/comentario-da-semana-quando-a-carnavalizacao-da-noticia-e-a-propria-noticia/> Acesso: 09/08/2018

VOLÓCHINOV, Valentin. *Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem*. Trad. Sheila Grillo & Ekaterina Vólkova Américo. São Paulo: 34, 2017.

Para citar este artigo

SANTOS, Adelino Pereira dos. O sensacionalista em veja: sujeitos e vozes de um acontecimento discursivo. *Miguilim – Revista Eletrônica do Netlli*, Crato, v. 8, n. 2, p. 500-514, maio-ago. 2019.

O autor

Adelino Pereira dos Santos é doutor em Letras. Professor Titular do Departamento de Ciências Humanas do Campus V da Universidade do Estado da Bahia.